

O COTIDIANO DO MEDO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A VELHICE NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE

Gabriela Barbosa de Souto¹

RESUMO

O progresso em um ritmo vertiginoso das cidades, movimento sentido especialmente ao decorrer do século XX, carrega consigo algumas características relevantes. Com o crescimento da urbe, inserida na lógica capitalista, a segregação entre os grupos sociais acentuou-se. Não podemos deixar de relacionar a isto o aumento da violência, que tem alterado profundamente a relação do sujeito com a cidade. Destarte, procuramos com esse artigo tratar da relação do medo na cidade, oriundo principalmente da violência, partindo do ponto de vista da velhice. Fazendo parte de algo maior, procuramos nos ater aos casos específicos relacionados à velhice publicados no *Jornal da Paraíba* (Campina Grande - PB) no período transitório entre os últimos séculos.

Palavras-chave: cidade, medo, velhice, Campina Grande

Introdução

O projeto de iniciação científica *Mídia, violência e governo dos velhos e da velhice. Um estudo do Jornal da Paraíba entre 1994 – 2005* começado em 2008 e que possibilitou o desenvolvimento do presente artigo é uma iniciativa do Professor Dr. Alarcon Agra do Ó². Constituindo um grupo mais amplo de pesquisa, Velhice: olhares, saberes e práticas, é possibilitado um contato maior com uma faixa etária que até então era alvo de estudos diretamente relacionados com a saúde.

Condicionando possibilidades de estudar a problematização que a imprensa faz, dentro de uma perspectiva histórica, o projeto busca refletir sobre os eixos temáticos da velhice, do gênero feminino e da violência. A justificativa para o recorte temporal escolhido é o de verificar como foi recepcionada e qual a funcionalidade da primeira

¹ Aluna do 9º período de graduação na Universidade Federal de Campina Grande. Aluna voluntária do projeto Pibic: “Mídia, violência e governo dos velhos e da velhice. Um estudo do Jornal da Paraíba entre 1994 – 2005”, orientado pelo profº Dr. Alarcon Agra do Ó.
(gabiamykika@gmail.com)

² Doutor em História pela UFPE (2008), Mestre em Educação (1996) e Licenciado em História (1993) pela UFPB. Professor e Coordenador do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande. Orientador do presente artigo.
(velhice@gmail.com)

década da Política Nacional do Idoso, assim como do Estatuto do Idoso. Devido a mudança do perfil demográfico brasileiro que tem um percentual elevado da população que está envelhecendo (causado pela maior expectativa de vida, melhoria na saúde, etc.) e que já é marcado pelas disparidades sociais e de gênero, percebemos que mais tensões sociais são consideráveis, tornando a pessoa idosa alvo de mais preconceitos e exclusões.

Partindo deste ponto, nos interessa saber como a imprensa lida com as experiências de violência, especialmente no que toca a população idosa, e mais especificamente com a mulher idosa, identificando quais as violências sofrem ou cometem, e como o mesmo é recepcionado na sociedade como um todo.

Com base nessa proposta, e ainda seguindo pela minha atual linha de pesquisa que trata da história da cidade, resolvi escrever esse artigo para falar da violência na cidade de Campina Grande pelo olhar do idoso, seja ele quem sofre ou quem pratica a violência. A partir disto, procuro refletir sobre o medo cada vez mais presente nas cidades de um modo geral, e especificamente no recorte espacial já mencionado, e atendo para o ano de 1996, o único que teve o levantamento completado até o presente momento. Vale ressaltar que os casos que serão aqui expostos não condizem com um dos focos do projeto, que é o gênero feminino, visto que os protagonistas são todos homens.

Discussão bibliográfica

Alguns estudos de casos acerca da violência contra os idosos em cidades específicas no Brasil vêm denunciando um problema evidente, mas que até então não tem a atenção merecida. Motivada pelo trabalho de Cornelia Eckert (2002) que em *A Cultura do Medo e as Tensões do Viver a Cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre* que me abriu os olhos, proponho o estudo dos casos de violência contra o idoso na cidade de Campina Grande, a segunda maior cidade do estado da Paraíba. A pesquisa de Eckert envolveu uma série de entrevistas com pessoas de várias faixas etárias, entretanto, no artigo em questão foram usados os relatos dos maiores de 60 anos, que foram levados a “refletirem sobre a crise dos tempos na cidade,

reavaliarem sua própria identidade de cidadão, configurando sua identidade cidadina como um processo de crise na identidade” (ECKERT, pág. 75, 2002). Fazendo uso das memórias desses antigos moradores de Porto Alegre, Eckert ao analisar a preocupação constante dos idosos com a vitimização criminal percebe que a mesma é variável de acordo com o que cada idoso considera como sua possível vitimização, assim sendo, quanto mais pensar que será uma vítima maior é a insegurança gerada.

A insegurança e o medo geram atitudes de autopreservação. A cidade tem sido palco para a atuação desses dois atores já mencionados, e podemos perceber isso ao olhar a própria configuração que a cidade tem tomado. Bauman (2009) nos fala como a arquitetura do medo tem sido eficaz e cada vez mais procurada, disseminando-se também pelos espaços públicos que são cada vez mais vigiados. Casas camufladas, grandes muros e prédios pouco acessíveis tem sido um retrato corriqueiro dessa arquitetura. Nessa guerra contra a insegurança, campeã de audiência nos meios de comunicação de massa, os lugares públicos tornaram-se pontos cruciais nos quais o futuro da vida urbana é decidido, ao mesmo tempo em que nota-se a tendência de uma retirada desses lugares para o que Bauman chamou de *ilhas de uniformidade*, e de segurança, que acaba sendo uma barreira para a vivência com o diferente, e, conseqüentemente, um passo mais largo para o caminho do individualismo.

Assim como mudanças são sentidas nos espaços urbanos, mudanças são impostas na rotina dos idosos, com novas atitudes e gestos a estes que aparecem como parte da população que esta propensa a desenvolver o receio e o desamparo diante da impossibilidade de agir frente a uma atitude de violência. Isto acaba por fazer parte de uma herança da comunidade cultural que será passada para novas gerações (Eckert, 2002).

Com um procedimento similar de pesquisa, Araújo e Lobo Filho (2009) procuraram captar as representações sociais dos idosos com relação à violência. Embora a violência contra o idoso date de muito tempo, é somente a partir dos anos 1970 que esse tipo de acontecimento ganha notoriedade devido às pesquisas de caráter científico, intensificando-se de fato duas décadas depois, especialmente no Brasil. Eles lançam mão de três grandes dimensões conceituais acerca da violência contra o idoso definidas pela OMS, são elas a violência sociopolítica, a institucional e a intrafamiliar. Em contrapartida, Minayo (2003) nos traz uma tipologia da violência diferenciada:

estrutural, que acontece no âmbito familiar; cultural, relacionada ao primeiro e acrescida de atitudes racistas e/ou preconceituosas; resistência, que contesta os grupos subjugados pelas demais violências; e, por fim, delinquência, consistindo em crime.

Os autores nos fornecem um perfil interessante de quem são as maiores vítimas da violência: mulheres acima dos 75 anos e que dependem física e/ou psicologicamente de outrem, geralmente com laços de parentesco. Esse perfil é revelador em outra perspectiva, pois mostra que quando há esse tipo de dependência familiar se torna mais difícil para o idoso denunciar o agressor por temer romper os vínculos de confiança preestabelecidos, ou pela autoridade imposta pelo mesmo. Como resultado da pesquisa, Araújo e Lobo Filho (2009) apontam, de acordo com os dados e relatos obtidos diretamente com um grupo de idosos de Fernando de Noronha (PE), que entre as violências sofridas por eles estão o abandono, o desrespeito, a negligência e a agressão física. E como medidas preventivas foram apontadas a punição, a denúncia, as políticas públicas e os cuidados. Estes resultados são relevantes para caracterizar o cenário recente de violência contra o idoso, e pensar em medidas mais imediatas para diminuir e extinguir as agressões sofridas pelos mesmos.

É interessante ainda apontar como tem sido recepcionado o idoso na sociedade. Siqueira, Botelho e Coelho (2002) realizaram um estudo no qual fizeram uma boa revisão bibliográfica com as principais obras que tratam sobre a velhice. As autoras nos apresentam quatro perspectivas de análise: biológico/comportamentalista, atenta para o processo fisiológico; economicista, ligada às questões de serviços de saúde e previdenciário; sociocultural, refletindo na construção social e representações da velhice; e transdisciplinar, englobando todas as outras perspectivas. Apresentando as obras já as incorporando a essas perspectivas analíticas, as autoras concluem por um impasse de qual destas é a mais adequada para analisar a velhice, apontando para a necessidade do aprofundamento do debate.

A violência urbana – a situação do idoso em Campina Grande

Com base no que já foi dito até o presente momento, podemos finalmente adentrar aos casos noticiados pelo Jornal da Paraíba no ano de 1996. Do total de 28

notícias, 23 estão relacionadas com a morte por assassinato ou suicídio de idosos, e dentre estas apenas sete notícias aconteceram na cidade de Campina Grande. O foco do artigo reside nestes sete casos.

Severino Galdino da Silva, com 61 anos, estava bêbado quando foi assassinado em sua casa pelo genro e pela própria filha. Teria ocorrido uma discussão entre pai e filha, pois esta queria levar seu amante para morar com eles, e o senhor Severino não teria aceitado. O casal também estava embriagado, e a filha, Maria do Carmo Ramos Santos, 46 anos, teria segurado o pai enquanto o amante dava golpes de martelo na cabeça do idoso. Vizinhos teriam testemunhado a discussão, e impediram a fuga do amante assim como denunciaram a participação da filha no assassinato.³

O que nos permite pensar essa notícia? Certamente a violência sofrida por um idoso e que seja cometida por um parente próximo seja a mais recorrente. Entre os tipos de violência já abordados, vemos que se encaixa no intrafamiliar e estrutural, constituindo uma agressão física estremada, que levou ao óbito do idoso. Desconsiderando o agravante de vítima e violentadores estarem embriagados, podemos questionar a quanto tempo o senhor Severino não sofria com o desrespeito da filha, que ainda morava com ele, e possivelmente era sustentada pelo mesmo. Devemos considerar também que o ambiente familiar encontrava-se desequilibrado pela morte recente da esposa da vítima, e a ambição de filha e amante de tomarem a casa do trabalhador rural para eles. Outro aspecto pode ser levantado, que é a situação da filha com esse homem, que não eram casados e mantinham um relacionamento amoroso, que possivelmente não era aprovado pelo pai, visto que o mesmo se posicionou contra a mudança do *genro* para sua casa.

Uma adolescente de 17 anos foi estuprada pelo técnico de telecomunicações João Felinto da Silva, 72 anos. A mãe da vítima havia alugado um quartinho nas dependências do quintal da casa para o técnico, que um dia surpreendeu a adolescente ameaçando-a com um revólver calibre 38 e a violentou por cerca de trinta minutos. Ainda que exames tenham provado a ocorrência do estupro, os policiais estranharam o fato da denuncia ter acontecido apenas seis meses depois do acontecido.⁴

³ASSASSINATO NA RAMADINHA II. *Aposentado é morto a marteladas durante confusão com o genro e a própria filha*. Jornal da Paraíba, 4 de janeiro de 1996.

⁴*Depoimento de menor na justiça complica ancião*. Idem, 10 de fevereiro de 1996.

Este caso é especial por três razões. Primeiro é o único no qual o agressor é o idoso, e não a vítima como podemos ser levados a pensar tendenciosamente no idoso como um ser fragilizado e impotente. Em segundo, por se tratar de uma vítima de estupro, algo marcante e traumatizante e que necessita de acompanhamento psicológico, e por fim pelo fato da vítima ser menor de idade, configurando um caso de pedofilia. No Jornal é mencionado que a denúncia foi feita seis meses depois de o crime ter acontecido, e que este fato causou estranhamento aos policiais. Ora, se nos atermos para a questão do agressor morar no mesmo local e portar uma arma, e não constar na notícia quando foi que o mesmo se mudou, há possibilidade da adolescente e sua família sofrer algum tipo de ameaça (já que o acusado nega ter cometido o crime), assim como foi desconsiderado o trauma causado, visto que quando a vítima deu seu depoimento chorava muito. Não querer expor a filha a mais sofrimento pode ter sido uma das causas na demora da denúncia.

O decorador de festa Divanildo Fernandes da Silva, 62 anos, foi assassinado na porta de casa com quatro tiros de revólver calibre 38. No momento do crime estavam presentes em casa a esposa, o filho e a nora, mas não chegaram a tempo de ver quem era o atirador. Apesar da esposa, dona Rute, ter afirmado que não sabia de inimizades do marido, o mesmo foi visto pelos filhos discutindo com um homem dias antes, o mesmo homem que teria estado nas proximidades da casa do senhor Divanildo no dia do crime.⁵

O crime em questão permaneceu um mistério, pois o assassinato do senhor Divanildo não tem causa aparente, e aquele que disparou os tiros contra ele ficou no anonimato. Porém, ao mencionar que os filhos tinham seguido o pai e visto uma discussão acalorada dele com um homem que pode ser o assassino, mostra que havia algo de estranho com a vítima, apesar de a esposa afirmar que ele não tinha inimigos. Até que ponto podem ter omitido alguma informação? Essa é uma dificuldade em permanecer no estudo de documentação primária, particularmente com jornais, que é a impossibilidade de investigar mais a fundo esse tipo de caso que não têm tantos detalhes.

⁵ *MISTÉRIO NO SANTO ANTÔNIO. Decorador de Festa é assassinado com 4 tiros de “38” na porta de casa. Idem, 26 de julho de 1996.*

O vigilante de supermercado Severino Peres de Arruda, 64 anos, conseguiu sobreviver ao ataque de dois assaltantes que roubaram seu revólver e dispararam tiros contra o mesmo. Ele teria reagido ao assalto e lutado corpo a corpo quando foi atingido nas costas, correndo o risco de ficar paralítico uma vez que a bala se alojou próximo a medula e não pode ser retirada. Não há sinal dos assaltantes.⁶

Outro vigilante foi vítima de assaltantes, mas o latrocínio foi fatal desta vez. Vigilante da Celgon (firma de carregamento de munição e local de prática de tiro ao prato) há oito anos, o senhor Narciso José dos Santos, 72 anos, levou um tiro no lado esquerdo do peito. Foram levados do local duas espingardas e 250 cartuchos. Após o disparo, os assaltantes fugiram pela BR 104, e suspeita-se que o senhor Narciso os conhecia, e por esta razão teria sido assassinado.⁷

As duas vítimas tinham o mesmo tipo de emprego, e foram assaltados da mesma forma, durante a noite e no local de trabalho. No primeiro caso, o senhor Severino sobreviveu, podendo ainda ficar paralítico. Já o senhor Narciso não partilhou da mesma sorte, não sobrevivendo ao ataque dos assaltantes. A semelhança dos casos nos encaminha para uma outra realidade dos idosos, que, mesmo em idade de aposentadoria, continuam trabalhando. O tipo de trabalho que estes dois idosos exerciam talvez seja inadequado para a faixa etária, por exigir muito do físico dos homens, não é a toa que não há idosos empregados em empresas de segurança com o posto de vigilante. Assim como esses dois homens, muitos outros idosos se vêem levados a trabalhar, por necessidade financeira ou pessoal, e encontram empecilhos no mercado de trabalho.

Um crime passional levou a morte de mais um vigilante, o senhor Inácio Paulino da Silva, de 70 anos. O amante de sua ex-mulher, conhecido por Francisco, teria atacado o homem com sucessivas facadas nas costas enquanto este se encontrava no Bar do Serrotão, defronte à sua casa. O senhor Inácio chegou a ser socorrido pela filha de 15 anos, mas não resistiu aos ferimentos. O assassino teria dito para a mesma que seu pai o havia ameaçado de morte, o que de acordo com a mesma não procede.⁸

Mais uma vez nosso protagonista é um vigilante, mas neste caso ele não foi assassinado no trabalho. O local do crime foi na proximidade de sua residência, mais

⁶ *Vigia quase fica paralítico após reagir a assalto.* Idem, 22 de outubro de 1996.

⁷ *Assaltantes matam vigilante com um tiro e roubam espingardas 12 e 250 cartuchos.* Idem, 16 de novembro de 1996.

⁸ *Vigilante é assassinado com um golpe de faca nas costas.* Idem, 20 de novembro de 1996.

precisamente em um bar. A causa do crime está um pouco confusa na notícia, permitindo duas leituras: ou o senhor Inácio estava ameaçando o amante de sua ex mulher, ou estava sofrendo ameaças do mesmo. Optei pela primeira pela frase que o assassino disse para a filha da vítima, concluindo assim que foi uma medida preventiva já que estava sob ameaças constantes. Obviamente que ao dizer *medida preventiva* esteja de acordo com o ato tomado pelo Francisco, pelo contrário, mas não cabe aqui a fazer julgamentos.

O último caso é o do aposentado Severino Andrade Lima, de 67 anos, tomava conta de sua mercearia no bairro da Prata quando aconteceu uma tentativa de assalto no local. Um ou dois homens teriam tentado roubar Seu Bui, como o aposentado era mais conhecido nos arredores, e o mesmo teria reagido quando, em luta, a arma teria desferido um disparo contra sua cabeça. Mesmo tendo dado entrada no hospital, o aposentado não resistiu. Nada foi levado da mercearia.⁹

Percebemos a similaridade com os casos dos dois vigilantes, que foram atacados enquanto trabalhavam. O assalto a mão armada é infelizmente um crime corriqueiro, visto as inúmeras reportagens televisivas e noticiadas nos jornais, e que não raro faz vítimas por óbito. Mais uma vez os culpados escaparam ilesos, tendo sucesso na fuga. As três agressões foram motivadas pela reação ao assalto, envolvendo luta corpo a corpo com os bandidos.

Dentre os casos noticiados pelo Jornal da Paraíba no ano de 1996, podemos constatar muitos aspectos relevantes, seja pelo modo como foram mostrados, até mesmo pelas conclusões de policiais que foram incluídas nos mesmos. Temos muito a trilhar até que seja concluído o arquivamento de todos os anos propostos pelo projeto. Se pensarmos na cidade de Campina Grande de 1994 a 2005, vemos o quanto ela mudou, e com ela as relações cidadinas para com a velhice campinense. O período abordado foi muito curto, e já nos forneceu um panorama diversificado que nos permite conceber a velhice diferentemente com relação a outros trabalhos. Entretanto, tenho consciência de que para concluir ao que me propus no início são necessários mais informações, e talvez a contribuição de outras fontes, que só o desenrolar da pesquisa poderá nos dizer.

⁹ *Aposentado é morto com um tiro no olho dentro de mercearia no bairro da Prata.* Idem, 17 de dezembro de 1996.

Considerações finais

Eckert (2002) já nos mostra como se dá a relação de medo entre os idosos e a cidade, que fica mais violenta a cada dia. A insegurança e o medo ganham repercussão nos instrumentos midiáticos, que propagam a indústria do medo. A cidade responde a isso com sua arquitetura, cada vez mais denunciante do medo que se apodera da sociedade (BAUMAN, 2009).

As concepções que os idosos têm de si e da violência a que são acometidos, na maioria dos casos, mostram que o abandono familiar está como principal forma de violência. Assim como a negligência e os maus tratos configuram o quadro de violência contra o idoso (ARAÚJO e LOBO FILHO, 2009). A recepção que a sociedade tem do idoso varia com a perspectiva sob a qual o mesmo é observado. Além da evidente condição fisiológica, e talvez a mais chocante quando colocada em comparação com a população jovem que encontra dificuldades em compreender a velhice, temos ainda a econômica, que vê apenas como sujeito incapaz de produzir e gerar capital, a sociocultural e a transdisciplinar que transitam entre os dois primeiros e acrescenta no campo das representações conferidas a velhice (SIQUEIRA, BOTELHO e COELHO, 2002).

Considerando esse artigo como um objeto de denúncia e esclarecimento, e com base na bibliografia lida, parti para o estudo de caso da violência contra o idoso ocorrida na cidade de Campina Grande (PB), partindo da pesquisa que foi iniciada no ano de 2008, foram mostrados alguns casos noticiados no Jornal da Paraíba ao longo do ano de 1996. A partir disso, foram levantados alguns pontos para o questionamento da situação do idoso em Campina Grande. Como todos os casos estavam nas páginas policiais, podemos ter uma idéia do que esperar do conteúdo. Dos sete casos de violência, cinco tiveram idosos como vítimas fatais, um conseguiu sair com vida de um assalto e o outro foi o agressor (estuprador). Apesar do foco da pesquisa tratar do gênero feminino, no ano trabalhado os idosos eram do sexo masculino. Este pode ser um indicador interessante para comparação dos anos posteriores, assim que o trabalho de coleta de dados no arquivo particular do Jornal for concluído. No mais, fica aqui registrado o início de uma pesquisa que terá continuidade ao passo que o projeto *Mídia, violência e*

governo dos velhos e da velhice. Um estudo do Jornal da Paraíba entre 1994 – 2005 continuar no seu andamento.

Referências Bibliográficas

AGRA DO Ó, Alarcon. **Norbert Elias e uma narrativa acerca do envelhecimento e da morte.** Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, June 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de Maio de 2010. doi: 10.1590/S0104-59702008000200009.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; LOBO FILHO, Jorgeano Gregório. **Análise psicossocial da violência contra idosos.** Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 22, n. 1, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000100020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de Maio de 2010. doi: 10.1590/S0102-79722009000100020.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade.** Tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2009.

ECKERT, Cornelia. **A cultura do medo e as tensões de viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores em Porto Alegre.** In: Minayo, Maria Cecília de Souza; Coimbra Júnior, Carlos E. A. Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2002. p.73-102.

GARNEL, Maria Rita Lino. **Vítimas e Violências na Lisboa da I República.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência contra idosos: relevância para um velho problema.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, jun. 2003 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

311X2003000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 jun. 2010. doi: 10.1590/S0102-311X2003000300010.

PAIXAO JR., Carlos Montes; REICHENHEIM, Michael E.. **Uma revisão sobre instrumentos de rastreamento de violência doméstica contra o idoso**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000600003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 jun. 2010. doi: 10.1590/S0102-311X2006000600003.

SIQUEIRA, Renata Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. **A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232002000400021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de Maio de 2010. doi: 10.1590/S1413-81232002000400021.

SOUZA, Jacy Aurélia Vieira de; FREITAS, Maria Célia de; QUEIROZ, Terezinha Almeida de. **Violência contra os idosos: análise documental**. Rev. bras. enferm., Brasília, v. 60, n. 3, jun. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2010. doi: 10.1590/S0034-71672007000300004.